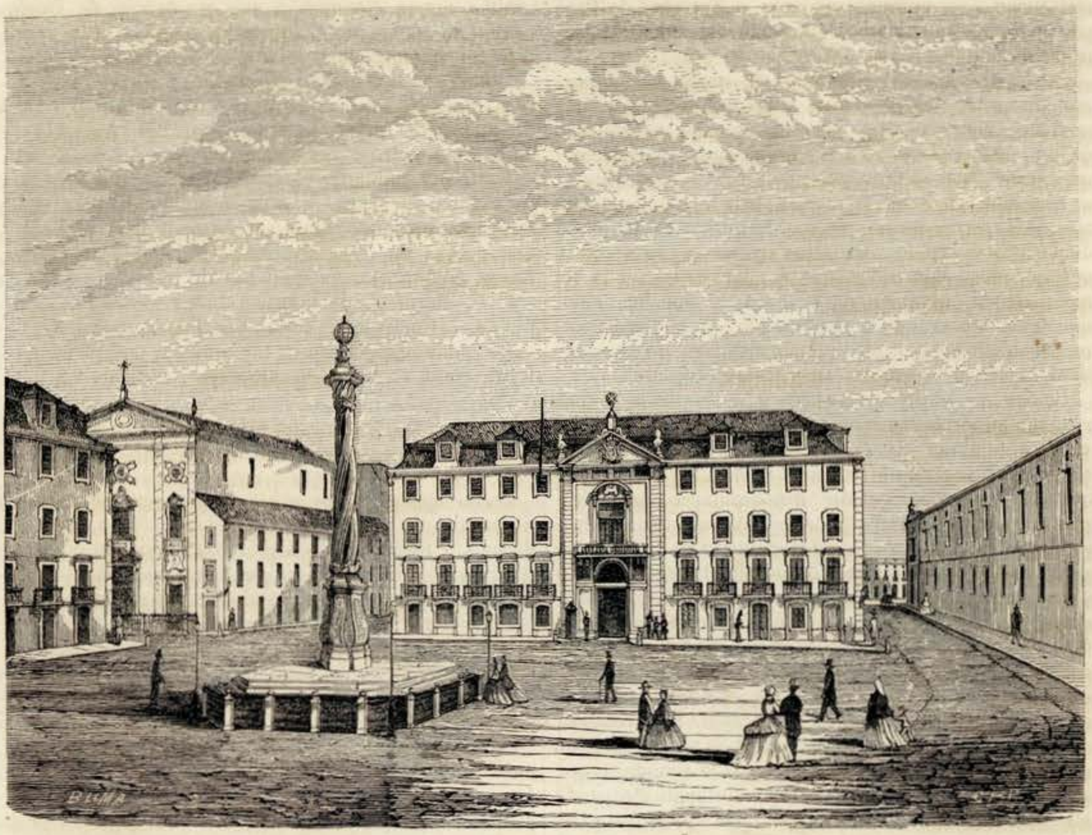
LISBOA



Praça do Pelourinho

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

(Vid. pag. 105)

PRAÇA DO PELOURINHO

A mais antiga praça do Pelourinho de Lisboa, de que temos noticia, ficava no logar correspondente agora á rua Bella da Rainha, vulgarmente chamada *rua da Prata*, entre as ruas Nova de El-rei ou *dos Capellistas*, e a de S. Julião ou *dos Algibebes*.

Era uma praça pequena, em fórma de um quadrilongo, na qual desembocavam as ruas do *Ver do Peso, Nova, da Prataria, e de D. Gil Eannes*.

Em tempos que já lá vão ha coisa de tres seculos, vinham todos os dias pôr banca n'esta praça varios homens, munidos de papel penna e tinteiro, e sentados gravemente com suas mesas diante, promptificavam-se a fazer requerimentos, e a ler e escrever cartas ás pessoas que o não sabiam fazer, e d'elles tinham necessidade. Póde-se bem querer que não teriam mãos a medir, não porque estivessem muito em uso as correspondencias, nem porque o numero dos requerentes fosse tão crescido como presentemente, mas sim porque eram raros os individuos que n'esses tempos sabiam ler e escrever.

Não temos achado noticia de quando se acabou esta pratica. Faz memoria d'ella o chronista Damião de Goes na *Descripção de Lisboa*, obra que compoz em latim, e que publicou em 1542. Christovão Rodrigues de Oliveira, no seu *Summario das noticias de Lisboa*, impresso em 1551, diz que ainda existia tal pratica no seu tempo.

Conservou-se esta praça até ao terremoto de 1755. Chamavam-lhe então, e desde muitos annos atraz, *praça do Pelourinho Velho*, porque havia outra *do Pelourinho Novo*, que era mui vasta, mas irregular, contigua ao Tejo, no logar em que existiram as *tercenas navaes* del'rei D. Fernando, e que depois foi praça da Ribeira, e mercado principal da cidade, onde se vendiam em barracas de madeira os generos que ora se vendem na praça da Figueira. A área d'esta praça vemol-a occupada com a alfandega das Sete Casas, mercados do carvão e do azeite, e mais edificios que se vão seguindo a este para o lado de léste.

Não sabemos com certeza quando se construiu esse Pelourinho Novo. Presumimos que seria no reinado de D. Sebastião. João Baptista Lavanha, chronista-mór, descrevendo a entrada de Filippe III de Castella em Lisboa no mez de junho de 1619 [1] já dá o nome de Pelourinho Velho á primeira das referidas praças.

Destruida Lisboa pelo terremoto de 1755, desappareceram estas duas praças em o novo plano da reedificação da cidade. O architecto Eugenio dos Santos de Carvalho, que delineiou esse plano, foi por conseguinte quem fez a planta da actual *praça do Pelourinho*, bem como o risco dos edificios que a guarnecem.

[1] Viagem da catholica e real magestade del-rei D. Filippe II (de Portugal) N. S. ao reino de Portugal, impresso em Madrid em 1622.

No logar occupado hoje por esta praça e seus edificios viam-se até ao reinado de D. João v um pequeno largo triangular chamado *a Tanoaria*, guarnecido da parte de léste e sul com os paços da Ribeira, que ahi faziam um angulo, no qual se abria um arco, que dava passagem para o *pateo da capella*, que a seu turno se communicava com o Terreiro do Paço por meio de outro arco, quasi correspondente á entrada da actual rua do Arsenal.

El-rei D. João v, fatigado de ouvir os pareceres discordes dos fidalgos, dos architectos, e dos medicos, sobre o sitio conveniente para a fundação de um novo palacio real e de uma egreja patriarchal, que projectára edificar sumptuosamente, resolveu-se a reformar os seus paços da Ribeira, e a capella real. Os paços foram muito aformoseados tanto na disposição e ornatos das salas, como na architectura exterior das suas differentes fachadas. A capella foi reconstruida, augmentada e decorada por tal modo, que ficou um grande e rico templo, digno de accommodar n'elle essa esplendida instituição, que assimilhou Lisboa a Roma nas suas festas religiosas.

Com estas obras desappareceu o *largo da Tanoaria;* metamorphosearam-se os edificios que o cercavam, e tambem mudou de fórma o antigo *pateo da Capella*. No seguinte reinado operou-se n'este sitio outra e muito importante transformação, primeiramente com as demolições e edificações que se fizeram em 1751, para o estabelecimento do cabido, ou sacro collegio patriarchal, da administração da fazenda, e arrecadação do thesouro ou guarda joias d'aquella santa egreja; depois em 1753 com a fundação do vasto e magnifico theatro regio, que o terremoto destruiu ao cabo de um anno da sua inauguração; e finalmente em 1754, em que se começou a grande obra da nova calçada de S. Francisco. Esta calçada, que principiava junto á capella-mór da patriarchal, no largo que se estendia em frente d'este templo, e que havia pouco fôra ampliado e denominado *Praça da Patriarchal*, foi tambem destruida por aquelle cataclismo antes de se concluir.

Está situada a actual *praça do Pelourinho* a oéste e proximo da *do Commercio*. Entram n'ella as seguintes ruas: da parte de léste a *Nova d'El-rei*, vulgò *dos Capellistas*, e a *do Arsenal;* da parte de oéste a continuação d'esta ultima; e do lado do norte o *largo de S. Julião*. Guarnecem a praça da banda de léste, entre as duas primeiras ruas mencionadas, o edificio do Banco de Portugal; do lado do sul o magnifico edificio do *Arsenal da Marinha;* e da parte de oéste e norte dois grandes predios unidos no angulo da praça, e que constituem uma das mais valiosas propriedades do sr. Street. O angulo da praça entre a rua Nova d'El-rei e o largo de S. Julião é formado pela egreja parochial d'esta invocação.

O *edificio do Banco de Portugal* pertence á camara municipal de Lisboa. Foi construido para servir de palacio da camara, porém como este edificio devesse correr pela rua do Arsenal até ir fazer o angulo da *praça do Commercio*, voltando para a rua *Aurea*, e n'esse angulo fosse obrigada a camara a edificar conforme o prospecto da mesma praça, preferiu o antigo senado esta parte do edificio para estabelecimento dos paços municipaes.

Na outra parte, que deita para a praça do Pelourinho, tem-se accommodado diversas repartições e estabelecimentos publicos. Esteve alli a antiga *junta dos juros dos reaes emprestimos* anteriormente á instituição do Banco de Lisboa; e juntamente com este estabelecimento monetario, creado em 1821, e reformado e ampliado em 1846 com a nova denominação de Banco de Portugal, tem estado o *contrato do Tabaco*, e outras associações. Parece que o senado da camara tambem exerceu alli as suas funcções durante todo ou parte do tempo em que a rainha D. Maria i e a familia real, depois do incendio do palacio velho da Ajuda, residiram na praça do Commercio, occupando os palacios da camara e da secretaria da justiça, que para esse fim se uniram por meio de um passadiço. O que é certo é que essa soberana por muitos annos alternou a sua residencia de Queluz com a da praça do Commercio, e que o dito passadiço foi demolido nos principios d'este seculo.

Quanto ao *arsenal da Marinha* e á *egreja de S. Julião*, moderna no edificio, mas antiquissima e rica de memorias historicas como parochia, tratâmos de ambos em outro logar d'este roteiro.

Resta-nos fallar da elegante columna que se ergue no centro da praça. É uma columna de uma pedra inteiriça, mas que finge ser formada de tres hastes, que sobem da base ao capitel torcidas e separadas. Era o pelourinho, ao qual um decreto civilisador da sra. D. Maria ii, de honrosissima recordação, fez tirar os distinctivos de cadafalso. Depois mandou a camara municipal cercar o monumento com grades de ferro, como se vê na gravura que publicâmos.

I. de Vilhena Barbosa.

Como appendice ao artigo supra, que acompanha o desenho do pelourinho de Lisboa, vem a proposito darmos a traducção do artigo communicado ao conde Raczynski pelo nosso amigo o sr. visconde de Jeromenha, e que o mesmo conde inseriu no seu mui noticioso livro intitulado: *Les arts en Portugal*, impresso em Paris no anno de 1846.

«A etymologia da palavra *pelourinho* acha-se em documentos antiquissimos. Os vocabulos *piloria*, *pilorium*, *spilorium*, *poloritium* e *pelorinum* (quasi como ainda hoje dizemos em portuguez, *pelourinho*), encontra-se nos codices do seculo xii e xiii, tanto francezes como inglezes. Sauval diz que n'uma escriptura de 1295 se fazia menção de um poço na praça de Paris onde se faziam as execuções. Este poço era chamado *Puteus dictus Lory*, d'onde se conclue que o instrumento do supplicio tomou o nome do poço que existia n'aquelle sitio, e que pertencia a um cidadão chamado Lory. Outros derivam o nome de *pila* ou *piloritium*, etymologia que me parece mais natural.

O pelourinho não é senão a columna Mœnia dos romanos, que elles introduziram nas Gallias, quando conquistaram aquelle paiz, e que nós imitámos dos francezes no principio da monarchia. Antigamente chamavam-lhe *picota*. Consiste n'uma columna de pedra ou tijolo, tendo no cimo uma gaiola que gira horisontalmente. Era ahi que se expunha o paciente, dando muitas voltas, e sempre com a cara voltada para o publico. D'este uso se seguiu o de darem os criminosos tres voltas á roda da forca. Tinha tambem outro fim, que era dar a conhecer ao povo os falsificadores. *Latro falsonarius judicabitur per communiam, et ponetur in pilorico ut omnes eum videant et cognoscant.*

Havia em França muitos pelourinhos, que ordinariamente se levantavam nas encruzilhadas. Em Paris havia differentes, estando o principal na praça do mercado. Era de pedra e cal, de fórma octogona, com sua gaiola, e existiu até 1789.

Em Portugal, os pelourinhos são todos no interior das villas e cidades, e quasi sempre diante da casa da camara; ao contrario da forca, que estava fóra da povoação, e em logar alto para que podesse ser vista e atterrar os malfeitores.

No antigo livro das fortalezas, que está na Torre do Tombo, feito por Duarte d'Armas, pintor del-rei D. Manuel, ha muitos pelourinhos. Os do Sabugal, Castello

de Mendo, de Mogadoiro e Penaroia, tem a mesma fórma dos pelourinhos francezes, o que para mim foi novidade. Todos elles tem gaiolas ou guaritas para a exposição dos criminosos. Todos os que tenho visto constam de uma columna, d'onde sáem quatro ganchos de ferro, tendo na extremidade uma argola e uma cadeia; em cima uma coroa ou um capitel. O de Coimbra termina em cutelo. A gaiola do da Arruda é quadrada. O pelourinho da Batalha é mui bem lavrado, assim como o de Cintra e de Alverca.

A palavra *picota* significava, em linguagem judicial e municipal, o sitio onde se expunham os criminosos, e se lhes infligiam as penas impostas pelas auctoridades locaes. Na ordenação Affonsina liv. I. tit. 28 se manda que os padeiros, carniceiros, regateiras, etc., que furtassem no peso, fossem postos na picota. Uma postura da camara de Vizeu, de 1304, manda que todo o carniceiro, padeiro, etc. que tiver pesos falsos, pague cinco soldos, e *ponham-n'o na picota.*

Os pelourinhos serviam tambem para as penas de morte. N'um documento citado por Ducange, vê-se que no anno de 1438, Carlos VII, rei de França, mandou executar no pelourinho um francez que se tinha naturalisado inglez. O de Lisboa não está immaculado, porque no principio d'este seculo foi alli executado um cadete pelo crime de fratricidio.

Os pelourinhos servem hoje para affixar os editaes do municipio, os annuncios judiciaes, fiscaes, etc.

Em 1833, á imitação do que se fez em França, no tempo da revolução, arrancaram-se os ganchos de alguns pelourinhos, para apagar a lembrança do prestimo que tinham tido.

Hoje os pelourinhos apenas são o emblema de jurisdição municipal.

FERNÃO PEREZ CHURRUCHÃO

TRADIÇÃO GALLEGA DA EDADE MEDIA

(VERSÃO DE BRITO ARANHA)

I

D. Pedro de Castella, [1] cognominado o *Cruel*, repellido de toda a parte pelos partidarios de Trastamara; perseguido pelos rebeldes, cujas fileiras engrossavam espantosamente com o auxilio da nobreza descontente e dos membros mais notaveis do clero; pouco seguro nas cidades andaluzas e vexado em Castella, onde eram inuteis os poderosos esforços dos personagens que ainda lhe restavam fieis, teve a final que refugiar-se, por segunda vez, na Galliza, confiando no leal apoio que, até ao derradeiro momento, deram ao legitimo rei diversos nobres defensores da sua causa.

Aquelle justiceiro monarcha, que, apesar dos seus excessos e do severo juizo que mereceu aos historiadores apaixonados, foi mui desventuroso; aquella victima do mais abominavel fratricidio e da traição mais iniqua, pôde respirar algum tempo na metropole de Santiago de Compostella, e aprestar-se para continuar a já difficil lucta com o *Bastardo*.

Entre as familias que lhe eram sinceramente affeiçoadas, contava-se a malfadada e nobilissima familia dos Churruchãos, tão tristemente celebre nos fastos da historia da Galliza.

Pedro de Churruchão e Fernão, seu filho, pozeram as espadas, vidas e fazendas á disposição do attribulado rei que, se a fortuna lhe não fôra tão adversa, teria prodigamente recompensado os seus leaes e generosos serviços.

Guiado pela indignação que devia causar-lhe tanta deslealdade e a traidora e injusta guerra de seus irmãos, D. Pedro executou tão exemplares castigos, que lhe mereceram o cognome de cruel; mas poderão acaso negar os que vilmente injuriaram a sua memoria, que D. Pedro de Castella, inimigo declarado de uma nobreza estulta e delapidadora dos bens de seus vassallos, era homem nascido para as grandes justiças, e que possuia altas qualidades?

O mesmo Padre Isla, que injuriou o infeliz monarcha, com que justiça exaltou o assombroso feito que, valendo a D. Henrique uma sanguinolenta coroa, deixou-lhe impressa na fronte uma nodoa que não poderam apagar nem o pó dos seculos, nem as amigaveis offerendas, nem o incenso dos protegidos, nem os rancores de que foi victima D. Pedro de Castella?

II

Santiago de Compostella é uma das cidades na Galliza, que mais conservam o aspecto cavalleiroso da edade media, apesar de ter predominado alli sempre o influxo do clero, pela conhecida circunstancia de absorver até aos nossos dias todos os poderes da sé arcebispal, visitada, protegida e enriquecida por tantos reis e poderosos senhores que chegaram a prestar o tributo da sua fé e os seus thesouros ao Apostolo, cujos restos se julga estarem guardados na velha cathedral onde se encontra hoje a sumptuosa e magnifica obra, que é a admiração de quantos a visitam, movidos por seu amor artistico ou zelo religioso.

E tanta é a riqueza que possue aquella mitra, que, embora as suas inestimaveis alfaias e numerosas rendas, era notorio na Galliza que o prelado gozava de tantas vezes dezeseis pesos como horas tem o dia, além de um excedente que, vencido por mil singulares meios e não menos estranhos *donativos de pessoas devotas*, constituia uma somma incalculavel e quasi fabulosa.

No tempo a que se refere o nosso conto, occupava a cadeira archiepiscopal um mancebo que podia chamar-se imberbe, attendendo a que D. Suero, que assim era o nome do arcebispo, apenas tinha trinta annos de edade.

Quando chegou á cidade do Apostolo, Castella ardia em guerra civil e mais encarniçada que nunca, apesar das tregoas occasionadas pela retirada de D. Pedro para a Galliza.

A presença do monarcha em Santiago produziu ao mesmo tempo dois resultados diversos.

Parte da nobreza, como dissemos, fazia consideraveis sacrificios e grandes esforços para levantar a sua vacillante bandeira, e era bem de suppor que, sendo extrema a sua lealdade e grande o amor que tinha ao rei, veria tambem com satisfação que estava seguro n'aquella cidade; mas o clero, que por prudencia e com pezar dissimulava quanto podia, não só tinha desgosto com a presença do rei alli, senão tambem conspirava junto d'elle, apesar das incessantes adulações.

Teve sempre a traição artes para conseguir os seus fins, e os inimigos do rei, que eram tantos quantos cardeaes, conegos e curas assistiam na cidade, não vacillaram em prestar-lhe homenagem e apresentarem-se ante o principe fingindo amor e respeito, que estavam longe de sentir.

[1] D. Pedro, rei de Castella de 1350 a 1369, nasceu em Burgos no anno de 1334. Era filho de D. Affonso XI, e a este succedeu no throno. Conta-se que mandou assassinar em 1351 Leonor de Gusmão, amante de seu pae; que abandonou, no dia seguinte ao do casamento, sua esposa Branca de Bourbon, a qual falleceu n'um carcere em 1361; e que ordenou o homicidio de seu primo João e de seu tio Frederico. Isto lhe valeu o geral descontentamento dos subditos, e o odio e a guerra de alguns, sendo entre todos o mais encarniçado Henrique Trastamara, irmão natural de D. Pedro. Este principe foi traiçoeiramente morto por Henrique depois da batalha de Montiel, perto de Villanueva-de-los-Infantes, em que o rei ficou derrotado.

Henrique Trastamara subiu ao throno, logo depois, com o nome de Henrique II. Reinou dez annos.

Em quanto D. Pedro, occupado em organisar os seus soldados e juntar recursos, saíra de Santiago com diversos cavalleiros a fim de percorrer com a brevidade possivel as povoações onde podia achar individuos que lhe prestassem taes serviços, se verificou a sumptuosa entrada do arcebispo e a esplendida recepção que lhe fizeram todas as dignidades e pessoas notaveis que alli residiam.

Houve grandes festejos, saraus, torneios, danças e serenatas pelas ruas; brilhantes illuminações, bodos aos pobres, *Te Deum* nos templos e na cathedral; e foi tanta e tão notavel a magnificencia que se desenvolveu n'aquelles dias, que todos acreditariam que, em vez do humilde e modesto prelado, era um poderoso rei que assim obsequiavam.

Decorreu quasi todo o mez de abril n'estes festejos, dignos da magestade, não só de um monarcha, mas até de Deus verdadeiro; porque os homens em sua humildade, ainda que sejam immensos os seus esforços, não poderão jámais tributar maiores obsequios ao Creador de que os compostellanos fizeram ao moço arcebispo.

Grande poder é o da exaggeração!

III

Entre os nobres que permaneceram na cidade, um só deixou de ir ao paço archiepiscopal para felicitar o novo prelado.

Alguns dos inimigos declarados do rei D. Pedro foram denunciar ao arcebispo que D. Pedro de Churruchão era, assim como seu filho, o partidario mais fiel do soberano de Castella.

D. Suero observou que o ancião nem para cumprir com os deveres da cortezia se apresentára a comprimental-o.

Ficou desgostoso, porém entendeu conveniente não mostrar em publico o seu resentimento, e por tal modo se houve que, quando os festejos chegavam ao maximo esplendor e enthusiasmo, poucos dias depois da sua entrada, deu um banquete no paço e convidou para elle o ancião Churruchão.

Apesar da repugnancia que sentia, o nobre não pôde recusar o convite, e effectivamente quando se verificou o banquete, Churruchão e sua virtuosa filha Maria occupavam os seus logares á mesa do arcebispo.

— Supponho que desde hoje conto mais um amigo que me honrará, e inutil é advertil-o de que o arcebispo de Santiago fica ao seu dispor se quizer consideral-o como tal.

Pedro Churruchão, com a franqueza que é natural aos corações leaes, respondeu ao prelado n'estes termos:

— Acceitei o seu convite, mas não posso fazer outro tanto para com a sua amizade. Pedro de Churruchão ainda não conhece perfeitamente o arcebispo de Santiago para receber tal honra e distincção.

— Não insisto, respondeu D. Suero visivelmente contristado.

— A convivencia talvez nos aproxime um do outro, continuou Churruchão; mas, no entretanto, desculpeme se todo o meu tempo e tudo quanto valho dedico ao serviço do meu melhor amigo, ao qual me ligam tão honrosos quão sagrados vinculos, á parte as sympathias que sempre no meu coração encontram os nobres infortunios.

D. Suero inclinou-se ante o ancião, que, apesar da sua chã franqueza, se mostrou respeitoso para com elle. O arcebispo despediu-se de D. Maria com expressiva galanteria, e os convidados foram saindo do paço até que o prelado ficou inteiramente só na sua camara.

— Sabes, disse com significativo sorriso, dirigindo-se a outro moço que parecia ser o pagem da sua confiança, se me dessem a escolher entre o pae e a filha, não vacillaria em optar a ultima.

— Mas... de quem falla? perguntou o pagem como se não comprehendesse a pergunta que lhe dirigíra D. Suero.

— De Churruchão; d'esse nobre...

— Comprehendo! Na verdade, vossa reverencia nunca desmente o seu bom gosto.

— Que te parece ella?

— Creio bem que em Toledo, nem em Valladolid, nem em Castella, nem na Hespanha inteira, se encontrará mulher mais digna da illustre pessoa de vossa reverencia do que a linda filha d'esse excommungado velho.

— Porém não devem chegar até ella as vistas de um veneravel prelado; cada vez me arrependo mais de ter seguido um estado tão cheio de difficuldades...

— Assentavam-lhe melhor a espada e o arnez; mas, senhor, lembre-se de que a fortuna até hoje tem-lhe sido favoravel.

A conversação entre os dois continuou por alguns minutos, e terminou com estas palavras do prelado:

— Conheço a tua lealdade, Mendo, e hei de recompensal-a se continuares a servir-me com o mesmo zelo. Quando o magnanimo D. Henrique destrua esse rei ou essa fera, serei eu cardeal, e tu occuparás o bispado de Astorga ou de Orihuela. Já o prometti.

Se a ratificação d'esta promessa envolvia alguma intriga, não podêmos por em quanto dizel-o.

IV

Tres dias depois o velho Churruchão e sua filha conversavam á janella do seu palacio senhorial.

Maria acariciava ternamente seu pae, e este discursava ao mesmo tempo ácerca do proximo consorcio da menina, e dos negocios e contingencias da guerra civil, em que tão empenhados andavam a sua honra e o seu coração.

Proximo do anoitecer, viu-se um homem a cavallo que viera a galope, apear-se á porta do palacio.

— Que novidade trará este homem? — perguntou Maria a seu pae.

— Vem talvez de Pontevedra. Eu esperava carta de teu irmão. Veremos o que diz.

Dois minutos depois entregaram ao velho fidalgo um pergaminho fechado e sellado.

— Vem de Pontevedra?

— Sim, senhor; e como verá traz gravadas no sêllo as armas do sr. Fernão Perez.

Inclinou-se ao dizer isto o pagem que trouxera a carta, e logo saiu.

Churruchão abriu o pergaminho e leu, primeiro com attenção, e depois com sobresalto.

— Que diz Fernão?— perguntou Maria aproximandose e descançando o lindo braço no hombro do ancião.

— Necessito deixar-te por alguns dias, respondeu o velho beijando a filha na fronte.

— E aonde vae?

— A Pontevedra.

— Fernão pede-lhe isso?

— Pede. É preciso que não descansemos no serviço do rei até onde for possivel. É dever nosso.

— Assim deve ser, meu pae; mas quando regressa?

— Não sei com certeza. Ouve o que teu irmão me escreve.

E Churruchão, desbobrando outra vez o pergaminho, leu:

«Logo que receba a minha carta, venha para acompanhar o rei n'esta povoação. Eu vou sair para Redondela, e Pio parte ámanhã para Padrão. Como o arcebispo acaba de chegar a essa metropole, advirto-o de que D. Pedro tem n'elle um perigoso inimigo. Marche pois d'ahi em segredo e deixe minha irmã em boa e segura companhia. É uma prevenção ditada pela prudencia, porque a gente que segue o novo pre-

lado não goza de bons creditos, e bem sabe quão grande é o poder do arcebispo de Compostella. — *Fernando.*»

— Julga que devo acompanhal-o, meu pae? — perguntou Maria assim que o fidalgo concluiu a leitura.

— Fernão sempre foi mui cuidadoso em sua irmã, porque a estima, embora não me exceda em nenhuma das coisas. . .

— E d'ahi? — murmurou a menina vendo que seu pae a olhava com ternura e que hesitava em continuar.

— Quero dizer — proseguiu a final Churruchão, que iria causar-te grande incommodo com a viagem, e sem necessidade. Ficas aqui bem segura. Se Nuno não o poder fazer, de certo eu muito menos.

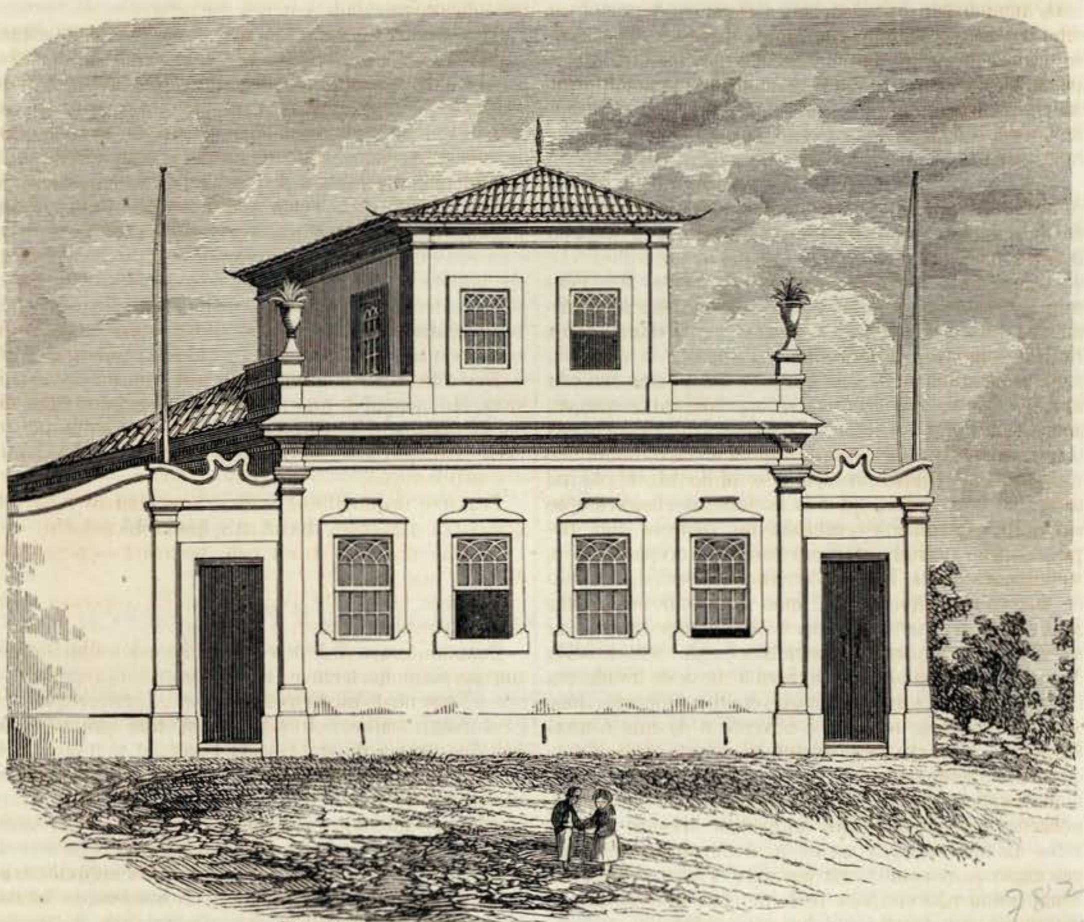
N'aquella mesma noite, o illustre ancião saíu de Santiago para Pontevedra.

Acompanhava-o só um escudeiro.

Teriam andado meia legoa, quando duas coisas muito diversas atalharam os nossos viajantes.

A lua, que assomava pallida e serena no cume de uma collina proxima, desenrolando sobre a corrente do rio fluctuante esteira de prata; e quatro homens

BRASIL



Hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia na cidade do Rio Grande do Sul

que, lançando-se repentinamente sobre amo e criado, parecia terem surgido da terra. Tal fôra o impeto com que saíram de entre as arvores que guarneciam um lado da estrada.

— Miseraveis! — gritou Churruchão pretendendo defender-se.

— Para traz, canalha! — acrescentou o escudeiro querendo desembainhar a espada.

Os aggressores não eram gente que estivesse desprevenida; de modo que, n'um instante, o ancião ficou amarrado ao cavallo que montava, e o criado caíu estendido no solo com uma punhalada que lhe atravessára as costellas.

(Continúa)

HOSPITAL DA SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA NA CIDADE DO RIO GRANDE DO SUL.

Não apresentâmos a nossos leitores um edificio recommendavel pela belleza das linhas architectonicas ou pelos adornos e elegancia; mas sim pela utilidade do seu destino, pelos relevantes serviços já prestados aos numerosos infelizes que tem recolhido, restituindo-lhes a saude, e amparando-os na sua desventura.

Modesto como seus fundadores, o Hospital Portuguez do Rio Grande do Sul parece á primeira vista acanhado, e que só poderá ministrar poucos soccor-

ros; mas se as apparencias são por vezes enganadoras, a realidade encarrega-se de as desmentir.

Todos os commodos que os doentes podem desejar alli se encontram: dormitorios vastos e bem arejados; salas proprias para todos os misteres do estabelecimento, independentes umas das outras, são com muita propriedade e aceio dispostas, a fim de que o serviço, pontual e humanamente feito, não possa encontrar pretexto que sirva de desculpa á negligencia.

Se o enthusiasmo presidiu á fundação da Sociedade Portugueza de Beneficencia, este fogo sagrado, que nem sempre é synonymo de constancia, resfriou a ponto de se julgar extincto.

Mas a caridade, que no seculo XIX tantos prodigios tem feito, não podia permanecer impassivel espectadora do desanimo em que a intriga, e talvez a ambição particular, tinham uma grande parte.

Os homens de brio, os que estremeciam quando o echo de um gemido lhes feria os ouvidos e repassava de tristeza o coração, tomaram sobre seus hombros a ardua tarefa de restaurar esta sociedade humanitaria, de cujos alicerces eram os principaes auctores. Fzeram um appêllo a seus compatriotas, e em poucos mezes renasceu das suas cinzas aquella nobre instituição.

A eleição de uma directoria a cuja frente foi posto, como presidente, o sr. commendador José Victorino de Rezende, como secretario o sr. José Francisco Duarte, como vice-presidente o sr. José Marquez Vaz de Carvalho, como thesoureiro o sr. Narciso José Ferreira, e como procurador o sr. Victorino Nogueira Palhares, muito contribuiu para que a sociedade adquirisse a importancia que tem, attingisse o grau de prosperidade em que se acha, e se lhe preparasse um futuro esperançoso e progressivo, fazendo esquecer, por um risonho presente, o passado cheio de angustias e de desgostos.

Ao lado do digno presidente e da directoria, agruparam-se as commissões dos benemeritos socios que em arduos trabalhos e incansaveis esforços comprovaram o seu amor ao progresso da sociedade, e a sua dedicação ao bem estar da humanidade: sendo da 1.ª commissão os srs. João Agostinho da Silva, Antonio José Soares Vianna e José Joaquim da Cunha; da 2.ª os srs. Joaquim Lopes de Sousa Dias, Antonio Joaquim Pinto da Rocha, e José Francisco Duarte; da 3.ª os srs. Antonio Teixeira Palhares, José Alves Augusto Rebello e José Marques Vaz de Carvalho; da 4.ª os srs. José Manuel Dias da Cruz, Francisco José Ferreira e Rodrigo Antonio Cardoso. São nomes que recordam a gratidão da Sociedade de Beneficencia, os homens que souberam illustral-os com actos da mais insigne caridade, e do mais acrisolado patriotismo. Foi com o auxilio d'estes socios que o sr. commendador José Victorino de Rezende propoz e realisou a compra do edificio, cujo desenho publicâmos. Uma collecta foi promovida n'esta cidade, e para honra de todos, deve-se declarar que ninguem, nacional ou estrangeiro, se eximiu ao prazer de contribuir para uma obra tão meritoria.

Porém o maior donativo foi o do sr. presidente da directoria, contribuindo com mais de tres contos de réis para perfazer a somma exigida pelo senhorio do predio, hoje pertencente á Sociedade Portugueza de Beneficencia.

A ordem e regularidade que no estabelecimento se observa, andam a par da mais severa economia: nada falta aos doentes e nada se esperdiça. Os mordomos porfiam em zêlo e generosidade na sua gerencia mensal, e grangêam titulos á bem merecida gratidão de seus compatriotas, que á porta do hospital vão bater pedindo um allivio, um consolo, e um sorriso d'amigo; o que tudo encontram como se no seio da patria e de suas familias estivessem. Nenhum navio portuguez tem perecido sem que ao primeiro signal do sinistro uma commissão da Sociedade Portugueza de Beneficencia se transportasse ao logar do desastre, se encarregasse dos naufragos, e os conduzisse com todos os commodos para esta cidade, onde outros socios não menos zelosos preparavam tudo quanto podesse alliviar as penas dos infelizes. Innumeros doentes tem entrado para este hospital, saindo sempre bemdizendo os empregados e instituidores de um estabelecimento tão util quão digno da epocha em que vivemos.

Se se attender a que a população d'esta cidade se eleva apenas a quatorze mil almas, segundo os mais seguros calculos (incluindo os escravos), sem duvida que hão de elogiar o nobre caracter dos cavalheiros que emprehendendo a fundação de um refugio especial para os seus compatriotas infelizes, tiveram a coragem de mantel-o florescente, e de o elevarem ao estado de prosperidade em que se acha.

Sem duvida alguma hão de comprehender que taes vantagens não se conseguem sem grandes sacrificios pecuniarios, e não menor dedicação e esforços pessoaes. A patria não poderá muda e impassivel ler estas breves linhas, traçadas pela verdade, sem exultar de prazer, reconhecendo quanto é lisongeira para ella a influencia que tem sobre seus filhos, os quaes em remotas praias conservam presente a sua imagem, em seus corações gravadas as obrigações que lhes impõe, e na sua philanthropia um esforço sempre novo, e sempre amistoso, para soccorrer seus irmãos flagellados pelos padecimentos physicos e moraes, ou pela furia dos elementos.

Estes titulos á gratidão de todos são bem merecidos, e tão honrosos como os que outros serviços grangêam áquelles que sabem comprehender os deveres de cidadão, de christão e de homem.

* * *

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

III

AS NUVENS

Quando estava no mar largo, sem ter outro espectaculo além da terra e do ceo, entretinha-me ás vezes a desenhar as formosas nuvens brancas que vogavam umas após outras pelas azuladas extensões do ceo. Era principalmente ao caír do dia que mais bellezas desenvolviam, reunindo-se no poente, onde se adornavam com riquissimas côres, e se combinavam por fórmas magnificentissimas.

N'uma tarde, meia hora talvez antes do pôr do sol, o vento rijo de sudoeste acalmou, conforme costuma succeder ordinariamente por este tempo. As nuvens que se iam arrastando pelo ceo, em distancias eguaes, segundo o seu modo de engrossar, tornaram-se mais raras, e as do lado de oeste detiveram-se e agruparam-se entre si formando paizagens. Representavam um grande territorio formado por altas montanhas, separadas por meio de valles profundos e sobrepujadas de rochedos pyramidaes. Nos cimos e nas encostas que simulavam, via-se apparecerem, grandes nevoeiros, similhantes aos que se erguem dos verdadeiros montes. Um comprido rio parecia circular n'aquelles valles, e caír em differentes pontos formando cataractas; atravessava-o uma grande ponte, assente em arcarias meio arruinadas. Bosques de coqueiros, no centro dos quaes se entreviam algumas habitações, elevavam-se sobre os grupos e sobre os perfis d'esta ilha dos ares. Todos estes objectos não se revestiam das riquissimas tintas purpureas, amarello-doiradas, nacaradas e esmeraldinas, tão communs á tarde no lado poente d'estas paragens. A paizagem não era um quadro colorido, figurava apenas uma estampa simples, onde se reu-

niam todas as combinações de luz e de sombras. Representava uma região illuminada, não de frente pelos raios do sol, mas posteriormente por simples reflexos. Com effeito, desde que o astro do dia se escondeu, alguns dos seus raios decompostos, illuminaram as arcadas semi-transparentes da ponte com tintas roxo-purpureas, reflectiram-se nos valles e nos cimos dos rochedos, em quanto iam torrentes de luz recortando com oiro do mais puro os contornos da paizagem, e dilatando-se divergentes d'aqui para o ceo, como os raios de uma auréola. Mas entretanto a massa completa conservava a sua escura meia tinta, e viam-se em roda das nuvens, que se elevavam aos lados, os clarões dos ralampagos, em quanto os trovões se começavam a ouvir soltando rugidos ao longe. Jurar-se-hia ser uma terra verdadeira distante legoa e meia de nós, quando muito. Talvez fosse a reverberação celeste de alguma ilha muito remota, de que as nuvens nos repetiam a fórma pelo reflexo e os trovões pelo echo. Mais de uma vez, marinheiros experimentados tem sido illudidos por similhantes apparencias. Como quer que fosse, este apparelho todo phantastico de magnificencia e de terror, montanhas com palmeiras, tempestades a rugirem pelas quebradas, rio e ponte, tudo se fundiu e desappareceu com a vinda da noite, como as illusões do mundo com a aproximação da morte. O astro das trevas, a triplice Hécate, que repete com maior suavidade as harmonias do sol levantando-se no horisonte, veiu pôr termo áquelles encantamentos de luz, e d'ahi innumeras estrellas fulgiram seus brilhos eternos nos seios da immensidão.

Oh! se o dia não é senão a imagem da vida, se as horas rapidas da alvorada, da manhã, do meio dia e da tarde, representam as edades tão fugidiças da infancia, da juventude, da virilidade e da velhice; a morte deve, como a noite, patentear-nos novos ceos e mundos novos. (Bernardin de Saint-Pierre — *Harmonias da Natureza*)

VALLE DE PENHA LONGA E O MOSTEIRO DA ORDEM DE S. JERONYMO

Nas faldas da serra de Cintra para o lado de léste estende-se um valle de norte a sul, tão ameno e formoso que nenhum outro lhe leva vantagem em toda aquella poetica serrania.

Abriga-o a montanha das asperezas do tempo. Assombram-n'o densos bosques de arvoredos silvestres, e pomares de laranja, e de outras frutas. Cobrem-lhe a terra perennes verdores, pois que aonde a mão do homem descurou a cultura, desdobrou a natureza alcatifas de relva de variados matizes. Cortam-n'o e fertilisam-n'o limpidas aguas: aqui é um arroio que murmura suavemente sobre leito de alvos seixinhos; alli uma fonte que se deslisa da rocha, orvalhando-lhe a avenca e os fetos, que lhe brotam das fendas; mais além é uma torrente que se despenha com fragor pelo dorso da serra para vir quebrar-se no valle de encontro aos penedos musgosos.

Surgem os contrastes por toda a parte. Junto aos logares mais amenos, de mais viço e mais frescura, erguem-se inhospitos rochedos ponteagudos, uns solitarios de fórmas phantasticas, outros apinhoados como por arte. Em fim mil accidentes de terreno, algumas pontes rusticas lançadas sobre os ribeiros, muita diversidade de arvores seculares, variadissimas especies d'essas plantas mimosas e tão bellas, que em nosso clima nascem e vegetam com tanta pompa nos sitios humidos e sombrios, diversas edificações religiosas e profanas: tudo isto dá áquelle valle um aspecto pittoresco e aprazivel de singular belleza.

N'este valle, que tira o seu nome de *Penha Longa* da principal ribeira que o banha, avulta meio escondido entre a espessura dos arvoredos um antigo mosteiro rico de memorias de alguns de nossos reis.

Foi o primeiro convento que os monges de S. Jeronymo tiveram n'este reino. Deram-lhe principio no anno de 1355 frei Vasco Martins, ou, como outros lhe chamam, frei Vasques Monteiro, da familia de que procederam os condes de Santa Cruz, e mais dois companheiros, que se tinham associado com elle na vida eremitica.

A fabrica primitiva era modesta e humilde como o viver d'estes religiosos; porém não tardou muito a levantar-se com mais grandeza. No anno de 1400, sendo confirmada pelo papa a nova ordem, lançou-se os fundamentos a mais amplo mosteiro, concorrendo para as obras el-rei D. João I com avultadas esmolas.

Eram passados tão poucos annos depois que o mestre d'Aviz firmára a independencia de Portugal nos campos de Aljubarrota, e tão vivos estavam ainda no seu animo os favores da Virgem, a quem se soccorrêra na hora do perigo, que determinou que o templo de Penha Longa tivesse a mesma invocação que o que andava erigindo junto ao logar da memoravel batalha.

Foi portanto consagrado o templo a Nossa Senhora da Victoria. Porém rebentando a peste no anno de 1569, e correndo a este sanctuario o povo d'aquelles arredores em continuadas romarias a implorar a intercessão de Nossa Senhora para o acabamento de tão horrivel flagello, apenas cessou o mal principiaram a invocar a sagrada imagem com o nome de *Nossa Senhora da Saude*. Crescendo com o tempo a devoção á imagem sob este titulo, vulgarisou-se e fez-se popular por tal modo a nova invocação, que a antiga de todo acabou.

Consta que a dita imagem pertencêra ao valente capitão de Malaca, Ruy de Araujo, que tanto se distinguiu nas conquistas da Asia. Querem alguns escriptores que este cavalleiro no testamento em que fez doação da imagem ao mosteiro, lhe pozera o nome de Nossa Senhora da Victoria, em agradecimento do esforço que lhe déra nas guerras da India para vencer os inimigos da fé christã, e que d'ahi viera o titulo ao mosteiro. Todavia não temos por verdadeira esta noticia, mas sim a que primeiro referimos sobre a origem da invocação do templo.

Da reedificação do seculo XV pouco ou nada resta, pois que os reis D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, o cardeal D. Henrique e o infante D. Luiz, seu irmão, fizeram tantas e taes obras de reconstrucção e de augmento no mosteiro e na egreja, que se póde dizer que foi uma nova fundação.

A egreja actual foi feita no seculo XVI pelos dois monarchas que viram o apogêo das grandezas e prosperidades de Portugal e o começo da sua decadencia. O interior do templo, com a sua abobada de laçaria de pedra, está revelando aquella epocha afortunada da nossa historia, que creou, como espelho que a retratava, o gosto de architectura a que chamâmos com muita propriedade *manuelino*.

Exteriormente deixa-se ver o estilo classico, ou do renascimento das artes, como o denominaram os adversarios da architectura gothica; estilo que se introduziu em nosso paiz no reinado de D. João III.

Tão estimados foram o mosteiro e valle de Penha Longa dos quatro soberanos, e do infante acima nomeados, que todos a seu turno buscavam muitas vezes este sitio devoto e delicioso, levados da magoa ou dor para orarem em profundo recolhimento, ou de desejos de diversão para se recrearem á sombra das florestas, e por entre as fontes e flores do valle. Para este fim mandou el-rei D. Manuel construir junto ao mosteiro uns paços a que davam o nome de *hospe-*

darias, os quaes foram reedificados por el-rei D. Pedro II.

Adornam a egreja interiormente as estatuas dos quatro evangelistas sobre peanhas, e dez estatuas dos apostolos esculpidas em marmore. São cinco as capellas. A de S. José tem um retabulo de pintura antiga, em taboa, representando a adoração dos Reis. A de Nossa Senhora da Piedade era a primeira ermida fundada por fr. Vasques Monteiro, e que nas diversas reconstrucções da egreja se conservou cuidadosamente com pequenos reparos para memoria da fundação do mosteiro.

Na capella-mór, que era padroado dos condes de Monsanto por mercê del-rei D. João III, estão vinte e dois cenotafios de pessoas d'esta familia.

Ergue-se sobre o cruzeiro uma cupula coroada por uma estatua de marmore do archanjo S. Miguel, empunhando na mão direita a espada, e na esquerda o escudo, em meio do qual estão gravadas as iniciaes Q. u. D., que querem dizer *Quis ut Deus*.

A situação baixa d'este convento tem-n'o exposto por vezes a grandes inundações. De uma das maiores existe memoria em uma lapida collocada debaixo do alpendre da entrada principal. Diz a inscripção: *Na*



Valle de Penha Longa e o mosteiro da ordem de S. Jeronymo

era de 1627 em o 1.º de dezembro ao meio dia houve uma cheia, que alagou todo este convento até á altura d'esta pedra.

A lapida está elevada do chão mais de seis palmos.

Nas visinhanças do convento ha algumas curiosidades naturaes, sobresahindo uma gruta mui notavel, e o celebre *penedo dos ovos*. [1]

Do mosteiro e da cerca que foram vendidos logo depois da extincção das ordens religiosas, e que actualmente são propriedades do sr. Bessone, tem muito que dizer quem quizer escrever com miudeza sobre o assumpto. Onde faltam as excellencias da architectura e os primores d'arte sobejam as recordações historicas e as bellezas naturaes.

O mosteiro em que viveram vida tão austera e apertada os primeiros monges de S. Jeronymo, que houve em Portugal; os paços onde el-rei D. Manuel se foi encerrar e carpir-se pela morte da rainha D. Maria, sua esposa; a antiga livraria e a cella prioral em que tantas vezes se agasalharam os reis D. Sebastião, D. Henrique e o infante D. Luiz, sem duvida absorvidos em bem differentes pensamentos; o pomar denominado *jardim das Damas* nos tempos do *rei afortunado*, onde a formosa infanta D. Beatriz ia espairecer saudades do seu Bernardim Ribeiro, são logares cheios de memorias, que contrasteam, recordando ao mesmo tempo humildades e grandezas, asperezas e delicias, virtudes e infortunios, idéas religiosas e pensamentos de amor.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid o artigo e gravura a pag. 49 do vol. III

THEMAS CLASSICOS

Ha livros de estudar e livros de ler. Por que ha de ficar defraudado o official que não cursou as escholas, d'aquella delicia em que naturalmente se divertem as idéas? Não será mais sisudo ler uma novella que jogar a bola? Se se inventaram os jogos para divertimento honesto, por que se não estimarão as novellas por divertimento?

FR. LUCAS DE SANTA CATHARINA

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.